

Os poetas o sabem: a vida é um suspiro Mas a fé consegue dar-lhe um sentido

por Julián Carrón

A fugacidade da vida, a transitoriedade do homem, é um dos temas recorrentes na reflexão e na poesia de todos os tempos. «Como as folhas somos; que umas o vento as leva emurchecidas, outras brotam vernais e as cria a selva: tal nasce e tal acaba a gente humana».¹

É difícil que o homem, cada um de nós, mesmo na distração em que podem acabar os seus dias, escape, mais cedo ou mais tarde, a esta experiência elementar da vida. Israel não foi exceção.

Diz Isaías: «Toda a carne é feno e toda a sua glória é como a flor dos campos. Seca o feno, murcha a flor [...]. Verdadeiramente o povo é feno».² E o Salmo 90 afirma: «Pois mil anos para vós são como ontem, qual vigília de uma noite que passou, [...] são iguais à erva verde pelos campos: De manhã ela floresce vicejante, mas à tarde é cortada e logo seca»³. No Salmo 8, o grande rei Davi grita: «Que é o homem, para dele assim vos lembrades?»,⁴ enquanto o Salmo 39 faz questionar: «Revelai-me, ó Senhor, qual o meu fim, qual é o número e a medida dos meus dias, para que eu veja quanto é frágil minha vida! De poucos palmos vós fizestes os meus dias; perante vós a minha vida é quase nada. O homem, mesmo em pé, é como um sopro, ele passa como a sombra que se esvai; ele se agita e se preocupa inutilmente, junta riquezas sem saber quem vai usá-las».⁵

É tão comum esta experiência de nulidade e de fragilidade, observa Giussani, que representa, de fato, «o primeiro sentimento, o primeiro pensamento refletido que o homem pode ter sobre si mesmo. Somos como folhas ao vento» (ver aqui, p. 25). Não escapam a este sentido de inconsistência última nem sequer as relações entre os homens, que com efeito «têm o selo desta fragilidade incomensurável; tudo, enquanto o apertam, lhes foge, tudo lhes diz “adeus”» (p. 41).

Mas a um observador atento como Dom Giussani não escapa algo que é irredutível e se furta a esta transitoriedade. Por isso, abre uma fresta na esperança: «No entanto, dentro desta nulidade [...], dentro desta fragilidade incomensurável, dentro desta contingência triste, melancólica, a quilha da nossa embarcação, diz o poeta espanhol Jiménez, “colidiu, ali no fundo, com algo grande”». Esse algo grande é o sentido do destino, mais forte que a nossa fragilidade. Nesta perspectiva, «o homem é aquele nível da natureza em que a natureza percebe o destino, ser destinada». Mas se esta consciência, «se o que percebemos não derrete e não fermenta, se não vive, se não se desenvolve num organismo, fica como uma bola de chumbo, [...] um corpo estranho dentro desta nossa vida, que já não tem o baricentro, o centro de gravidade» (p. 41).

Não basta, portanto, ter sentido a colisão com algo grande para que se torne mecanicamente o centro de gravidade do eu. É preciso que a nossa vida «sinta o arrepio do ideal, seja atravessada por ele, seja em última instância vencida e por isso determinada por ele». Não basta o já sabido, e constatamos isto assim que observamos as consequências desta postura: «Damos por óbvio que o ideal existe porque acreditamos, lembramos de vez em quando, mas todo o tecido da nossa existência está como que desprovido dele. Assim, o nível dramático da vida, que é a conveniência humana em todos os campos e em todos os sentidos, como a sentimos naturalmente, não tem paz nem, em última instância, letícia». Para Giussani não há paz porque falta «a segurança daquilo pelo qual tudo age e vive»; e não há letícia porque «não é reverberada antecipadamente no presente a felicidade do futuro, do último futuro» (pp. 93-94).

Todos nós temos de admitir que temos uma enorme dificuldade «em acolher o ideal dentro da conveniência humana» devido ao medo de perder algo. Não é assim para Giussani: «Vejam que

¹ Homero, *Ilíada*, VI, 146-149. Tradução de Manoel Odorico Mendes.

² Is 40,6-8.

³ Sl 90, 4-6.

⁴ Sl 8,5.

⁵ Sal 39,5-7.

esse acolhimento não implica de per si deixar nada do que compõe as nossas vestes humanas, mas é uma revolução pacífica e cheia de letícia, que se dá dentro do próprio sujeito que faz as coisas, desde dentro de nós mesmos» (p. 94).

O que deve acontecer para que a consciência do destino penetre no tecido da nossa existência? Trata-se de um desafio, a partir do momento em que, no contexto atual, «para a maior parte das pessoas Deus pode ser uma palavra respeitável, mas não tem nenhum nexos com a vida, a não ser, no máximo, com um medo, que o clima cultural de hoje faz de tudo – sendo bem sucedido – para turvar, para eliminar».

Mas, então, é preciso descobrir «como tornar vivo e, assim, capaz de organicidade, e como reabsorver numa construtividade aquele centro de gravidade que de outra forma seria como um chumbo, dentro de nós, como algo estranho e sem nexos» (p. 43).

Giussani não tem dúvidas sobre o que pode tornar vivo esse centro de gravidade: «É Cristo o encontro que pode tornar orgânico o sentido do destino» (p. 47). O destino, o que os homens de todos os tempos chamaram de “Deus”, «é algo que aconteceu no mundo. Pensem, é algo que aconteceu, é Alguém que veio, chama-se Cristo!» (pp. 123-24). Para nos fazer entender a graça que é para o homem encontrar Cristo, Giussani convida-nos a olhar para uma figura evangélica familiar a nós: «Zaqueu era o chefe da máfia, era um dos chefes da camorra, era um rei da violência, daqueles mais ricos dos quais havia poucos, e era um homem apontado pelos escribas e pelos fariseus como o emblema da desonestidade». Apesar disto, continua Giussani, «Zaqueu ficou curioso, estava curioso para ver quem era aquele indivíduo de que tanta gente falava. Subiu na pequena planta do sicômoro de forma a conseguir vê-lo enquanto passava. E eis a multidão que se aproxima. Cristo está no meio dela e, quando chega perto daquela planta, para e o olha: “Zaqueu, desce depressa, hoje eu devo ficar na tua casa”. Imaginem os pensamentos dos honestos que o circundavam para pegá-lo no erro. “Ao ver isso, todos começaram a murmurar: ‘Foi hospedar-se na casa de um pecador!’”. Zaqueu pôs-se de pé e disse ao Senhor: ‘Senhor, a metade dos meus bens darei aos pobres, e se prejudiquei alguém, vou devolver quatro vezes mais’. Jesus lhe disse: ‘Hoje aconteceu a salvação para esta casa, porque também este é um filho de Abraão. Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido’”» (pp. 46-47).

Este relato do Evangelho não é uma narrativa do passado; para Giussani, com efeito, fala de nós: Cristo veio por nós, que somos «nada e pecadores»; veio por mim, que sou «nada e pecador. Chamou-me pelo nome, chamou você pelo nome. [...] No mundo que se move e se torna história, no tempo que passa, há uma Presença que mais ninguém poderá extirpar, nenhum poder poderá calar, e que alcança o homem que o Pai escolhe, e dá em mãos a Cristo. É Cristo o encontro que pode tornar orgânico o sentido do destino, redimir o sentido do nada e do pecado» (p. 47), como nos lembra o Evangelho: «O Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido».⁶

É o encontro que facilita a experiência de uma familiaridade com o destino, até investir toda a vida com uma novidade única e toda relação com uma densidade antes desconhecida.

JULIÁN CARRÓN

abril de 2018

⁶ Lc 19,10.